

# Rojava: Como um autoproclamado general se torna um ditador

Henri Simon

*Échanges; n° 174, primavera 2021*

Link:

<http://www.echangesetmouvement.fr/2021/08/rojava-comment-un-general-autoproclam-e-devient-un-dictateur/> [o site saiu do ar.. salvei esse texto antes de ficar offline]

Para se tornar um ditador reconhecido, basta ser o servo obsequioso de poderosos interesses globais. E o executor do seu trabalho sujo. <sup>12</sup>Mas não é tudo, porque o general ditador de que estamos a falar é também um fiel militante do Partido Comunista Curdo (PKK), do seu líder Öcalan e da actual ideologia desta organização.

Pode parecer curioso que esta questão de Rojava seja abordada do ponto de vista deste estudo pessoal. Mas, hoje, esta história pessoal é a história de Rojava: foi ele que a moldou e está a moldar, e os dois itinerários do general Abdi e de Rojava fundem-se.

## Geografia de Rojava

### O que está em causa é o aquecimento global

A região de Rojava, situada entre os rios Tigre e Eufrates, no sul da Turquia, e que faz fronteira com o Iraque, tem planícies, colinas e algumas montanhas.

Rojava é uma parte independente da federação de regiões da Síria (os Governos), com uma superfície de 55 000 km<sup>2</sup> (um décimo da superfície de França, ou seja, aproximadamente a superfície da região de Grand Est ou de toda a Bélgica), com uma população de 6 a 7 milhões de habitantes, aproximadamente a superfície desta região francesa, mas muito desigualmente distribuída. A maioria da população está

---

<sup>1</sup> O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), fundado em 1978, lançou a luta armada em 1984 e renunciou a ela nos anos 90 (Wikipédia, 6 de Maio de 2021).

<sup>2</sup> Abdullah Öcalan, Wikipédia (acedido em 6 de Maio de 2021). Preso em 1999 e colocado numa prisão dourada, ao contrário de outros presos na Turquia, com um regime favorável que lhe permite, por intermédio de advogados, continuar a dirigir o PKK e a definir a sua ideologia. Foi ele que colocou o PKK sob a égide do libertário Murray Bookchin (como é que ele sabia disto?) para que o PKK escapasse à condenação como terrorista.

concentrada no norte, perto da fronteira turca, e é constituída principalmente por agricultores que produzem (nomeadamente para exportação) cereais, algodão, azeitonas e pistácios. Em 2009, estas zonas forneceram 52% do trigo e 79% do algodão da Síria. Entre 50% e 60% da produção de hidrocarbonetos também provém da região. Esta produção, evacuada por oleodutos em todo o país, é tratada com capacidades de refinação locais muito elementares e particularmente poluentes.

O sul é desértico, mas contém a maior parte dos campos de petróleo do Estado. Grande parte da principal área povoada é também uma faixa de 30 km que faz fronteira com a Turquia, actualmente ocupada por forças conjuntas sírias, turcas e russas para impedir qualquer ataque da Turquia.<sup>3</sup> Este facto torna a situação nesta região ainda mais complexa.

Recorde-se que a origem do conflito sírio foi uma seca excepcional causada pelo aquecimento global que atingiu uma vasta região do norte do Iraque e do leste da Síria entre 2006 e 2011, provocando um êxodo rural da Síria, nomeadamente para Damasco, e desestabilizando o país na origem dos problemas.<sup>4</sup> São estas mesmas regiões desertificadas, incluindo Rojava, que permitiram a expansão dos islamistas e a cadeia de acontecimentos que discutiremos de seguida.

Quando os Estados Unidos tomaram a dianteira na Aliança para Eliminar o Daesh e o seu Estado Islâmico, não foi por causa do seu extremismo religioso ou das suas várias atrocidades (que não os teriam incomodado porque apoiaram e apoiam regimes semelhantes noutros locais), mas porque este Estado controlava os campos petrolíferos do norte do Iraque e do nordeste da Síria, e porque se arriscava, através de uma aliança com o Irão, a constituir um pólo petrolífero mundial fora do controlo americano e a pôr em perigo o seu controlo sobre os emirados petrolíferos árabes.

---

<sup>3</sup> Banco Mundial, 10 de Julho de 2017. Os danos causados pela guerra na Síria são enormes, mas o pior está provavelmente ainda para vir.

<sup>4</sup> Há inúmeros textos sobre as consequências económicas, sociais e políticas da seca intensa que atingiu o nordeste da Síria (especialmente Rojava) e o norte do Iraque de 2007 a 2011. Por exemplo, o marcador "Colapso-Aquecimento Global" do site [JeeP on line](#) remete para os trabalhos de Jean-Marc Jancovici (engenheiro, activista anti-aquecimento global, adepto do nuclear), que "acredita que a guerra da Síria (e outras primaveras árabes) está directamente ligada ao aumento da temperatura global: vaga de calor na Rússia, queda do rendimento dos cereais, fim das exportações para os países árabes, fome, revolta.

- Ver também <https://theconversation.com/la-syrie-une-guerre-climatique-les-liens-complexes-entre-secheresse-migratio-n-et-conflit-81858> - ou, para uma interpretação diferente, <https://www.lorientlejour.com/article/1172992/deconstructing-the-myth-of-the-climate-wars-from-sudan-to-syria.html>

As operações militares da Aliança foram conduzidas no terreno por milícias curdas ligadas ao PKK, treinadas por militares americanos no terreno, dotadas de armamento potente pelos Estados Unidos e apoiadas pela cobertura aérea americana. O comandante das milícias curdas envolvidas nesta luta contra o Daesh encontrava-se no final destas operações à frente de um verdadeiro exército e tinha-se tornado um aliado inabalável dos EUA na região. Mas antes de traçar a sua carreira, são necessários alguns elementos para tentar ver um pouco mais claro no caos do Médio Oriente.

### **Pluralismo étnico e religioso**

Há também que ter em conta a multiplicidade de etnias e religiões, uma vez que Rojava é um verdadeiro cadinho, fonte de divisões e confrontos. Dois grupos étnicos são dominantes. Os curdos representam apenas 55% da população de Rojava e o resto é muito diversificado: árabes, beduínos, assírios, turcos, arménios, iraquianos.<sup>5</sup> A mesma diversidade pode ser encontrada nas filiações religiosas: sunitas, cristãos ortodoxos sírios, católicos, igreja assíria, religião yazidi.

As consequências de uma guerra que dura há dez anos e continua a arder São vários os factores que afectam gravemente a actividade económica em Rojava. Às consequências habituais de uma agricultura produtivista, com a utilização intensiva de adubos, pesticidas, herbicidas e outros factores de produção, juntam-se as circunstâncias locais (poluição das refinarias de síntese), os efeitos da guerra, por vezes com o incêndio de edifícios, a destruição de equipamentos agrícolas ou a impossibilidade de manutenção. Para cultivar e reflorestar Rojava, os agrónomos sírios têm de limpar o solo e os cursos de água. Os cartuchos explosivos, os invólucros de balas e as armas químicas não só tiveram um impacto ecológico desastroso aquando da sua utilização, como também provocaram uma poluição a longo prazo. A utilização de cartuchos de urânio empobrecido pela coligação internacional está a causar graves problemas de saúde, uma vez que os seus resíduos contaminam o ambiente durante muito tempo. Os cartuchos de morteiro, os foguetes e outras armas explosivas contêm metais pesados e TNT, que são cancerígenos. Quando estas armas foram utilizadas em zonas urbanas, por exemplo em Kobane e Heseke, estas substâncias misturaram-se com o pó dos

---

<sup>5</sup> "Um campo de acção regionalizado? O PKK e as suas organizações irmãs no Médio Oriente", Sciences Po, ficheiros CERI, 2014.

escombros e foram depois inaladas pelos habitantes. Também se espalharam pela água e pelos terrenos agrícolas. O Estado Islâmico acendeu infernos gigantescos, alimentados por petróleo, plástico e outros resíduos. O seu objectivo era criar uma enorme cortina de fumo negro e opaco para se esconderem durante os ataques aéreos. Estes incêndios poluíram fortemente o ar, o solo e a água. Durante o seu voo, também armadilharam muitas zonas com minas mortíferas para os seres humanos e para a vida selvagem. <sup>6</sup>Além disso, a destruição de instalações industriais resultou na libertação de muitos gases e produtos químicos nocivos para a atmosfera.

### **A organização permanente do Estado sírio**

Mas primeiro: o que é um Estado? É um conjunto de regras que regem uma população num território definido. Para isso, o território do Estado é dividido em unidades administrativas nas quais são atribuídas aos agentes do Estado ou às autoridades públicas (cidades, regiões, etc.) funções muito específicas relativas à propriedade (registo predial e patentes), à ordem pública (gendarmeria e polícia), à defesa do território (exército), à aplicação da lei (tribunais), à cobrança de impostos directos e indirectos, às comunicações (redes rodoviárias e ferroviárias, correios, telefone, rádios), à educação e ao estado civil. Tudo isto é feito numa hierarquia inspirada nas hierarquias geográficas, que constitui o aparelho de Estado ao serviço obsessivo do aparelho político. Isto significa que, quaisquer que sejam as vicissitudes deste poder político, ele tem a permanência do todo. Para dar apenas um exemplo, a mesma administração do Estado francês funcionou sem problemas, salvo algumas modificações de pormenor, sob o ultra-conservadorismo antes de 1934, sob a Frente Popular, sob Pétain e a ocupação alemã, e sob a Quarta e a Quinta Repúblicas. E o mesmo é válido para qualquer Estado.

As subdivisões da Síria incluem as províncias (ou "muhafazas"), divididas em distritos (ou "mintakas"), que por sua vez se dividem em subdistritos (ou "nahies"). Estes últimos contêm as aldeias, que são as unidades administrativas mais pequenas. <sup>7</sup>Em cada uma destas divisões administrativas existem funcionários com responsabilidades específicas.

---

<sup>6</sup> <https://blog.defi-ecologique.com/agriculture-guerre-make-rojava-green-again/>

<sup>7</sup> Mouvements des idées et des luttes, "Rojava, une économie en temps de guerre" India Ledeganck.

A posição geográfica da província de Al-Hasaka corresponde aproximadamente à Jazirah. Jazira, Jazira ou Jezira (al-jazayra, "a ilha" em árabe), é uma parte da Mesopotâmia Setentrional correspondente à Alta Mesopotâmia, e uma antiga província da Síria situada no nordeste deste país, ao longo das fronteiras com a Turquia e o Iraque. Corresponde quase inteiramente à actual província de Hassaké, aos cantões de Jezirah, Kobane e Afrin.

É este território que constitui a "entidade federal democrática" de Rojava, proclamada em 2013, e que conservou todo o seu aparelho administrativo com funcionários locais que continuam a ser pagos pelo governo de Damasco.

### **No fim de contas, é sempre uma questão de petróleo**

Antes do início da guerra, em 2011, a Síria produzia 360 mil barris de petróleo por dia. Actualmente, produz cerca de 60 mil barris. <sup>8</sup>"O ponto de viragem", diz um activista internacionalista que permaneceu em Rojava, "foi depois da guerra contra o Daech, quando a Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria (AANES) negou aos EUA o acesso directo aos campos de petróleo, concedendo-lhes apenas o direito de comprar petróleo extraído pelas auto-administrações (o que, entre outras coisas, permite aos conselhos populares financiar o esforço de guerra). Trump iniciou então conversações com Erdogan, que aguardava a luz verde dos EUA para invadir a Síria, e as zonas curdas em particular.

A Operação Ramo de Oliveira, em 2018, que levou à ocupação da cidade e da região de Afrin, resultou deste acordo militar entre Erdogan e Trump. Os EUA queriam provar aos curdos e a toda a população de Rojava que, sem o seu apoio, estavam condenados a ser derrotados por Bashar al-Assad ou pela Turquia. Após a ocupação de Afrin, as negociações continuaram com os americanos: eles ameaçaram retirar-se do território se as suas empresas não fossem autorizadas a explorar os poços de petróleo.

A consequência foi a retirada das tropas americanas e a Operação Primavera da Paz, lançada no norte da Síria pelo exército turco e pelos rebeldes do Exército Nacional Sírio contra as Forças Democráticas Sírias. Estas ofensivas militares turcas, tacitamente apoiadas pelos EUA, arruinaram a reputação dos presidentes norte-americanos entre a população local. Antes de 2018, os civis referiam-se carinhosamente a Obama como

---

<sup>8</sup> "Entrevista com um internacionalista, <https://renverse.co/infos-d-ailleurs/article/nouvelles-du-rojava-entretien-avec-un-internationaliste-2972>

"Heval Obama"; hoje, referem-se aos americanos como "bênamus" (sem honra). Dito isto, as tropas americanas nunca se retiraram completamente da Síria ou do Iraque.

Hoje, com Biden, a vontade de se restabelecer na região é muito clara. Chegaram novas tropas, estão a ser construídas novas bases e está a chegar equipamento. Recentemente, as tropas norte-americanas atacaram as bases de uma milícia iraniana na Síria; este ataque foi uma resposta a outro ataque de uma milícia iraniana contra as tropas norte-americanas no Iraque. Estes acontecimentos demonstram a natureza supranacional da guerra civil na Síria: uma milícia iraniana ataca os americanos no Iraque, os americanos respondem com um ataque na Síria".

Quem é o (auto-proclamado) General Abdi?

Chegou o momento de falar do homem forte de Rojava, que é também um "homem de armas" dos americanos, mas um homem de armas que pretende manter a independência do "seu" Estado, que, no entanto, é indirectamente um elemento do federalismo sírio.

Mazmoum Abdi é apenas um dos nomes de guerra de Ferhat Abdi Sahin (também conhecido por Sahin Cilo e Sualin). Nascido em 1967, filho de pais curdos numa aldeia perto de Kobane, estudou engenharia na Universidade de Alepo e juntou-se ao PKK em 1990, onde se tornou militante.

<sup>9</sup>"Temos de recuar ao início dos anos 80 para compreender a revolução de Rojava. Nesses anos, os quadros do PKK no exílio lançaram as bases de organizações populares nas comunidades curdas da Síria. Abdullah Öcalan (conhecido como Apo, que significa "tio" em curdo) e os seus familiares, os "apocis" (seguidores de Apo), andavam de cidade em cidade, de casa em casa, recrutando e formando activistas políticos e construindo uma estrutura popular revolucionária. Pouco a pouco, começaram a surgir instituições democráticas populares por toda a Rojava, e mesmo nas grandes cidades sírias, como Alepo ou Damasco. Gradualmente, surgiram o movimento de mulheres, o movimento de jovens, os partidos políticos curdos e as suas instituições, como os conselhos populares, as cooperativas e outras. Estes movimentos estão sujeitos à repressão dos Estados imperiais, dezenas de activistas estão presos, foram assassinados ou "simplesmente" desapareceram.

Em consequência, Abdi foi preso cinco vezes. Tornou-se também amigo pessoal do líder Öcalan, cujas numerosas fotografias mostram uma grande irmandade de armas.

---

<sup>9</sup> "Entrevista com um internacionalista", artigo citado.

Em 1996, o PKK enviou-o para fazer trabalho de recrutamento na zona rural de Sendili, na Turquia.

Abdi tem uma missão semelhante na Europa (1997-2003) e no Iraque (2003). Foi promovido à direcção do PKK em 2005 e dirigiu a Unidade Armada de Defesa Popular (YPG) de 2009 a 2011. Regressou depois à Síria para estabelecer as YPG entre a população curda. <sup>10</sup>Em 2010, um grupo de senadores norte-americanos solicitou a concessão de um visto a Abdi para discutir as relações entre a Síria e os EUA, uma decisão criticada pela Turquia, que considera o PKK e as suas ramificações como organizações terroristas.

"Em 2011, durante as revoltas populares sírias que abalaram o país para derrubar o regime de Bashar al-Assad, os curdos manifestaram-se ao lado do resto da população síria. Em 2012, o regime de Assad retirou as suas tropas do nordeste sírio. Os apoiantes do regime e, em particular, a burguesia (grandes proprietários de terras, industriais) fogem da região para se refugiarem, sob a protecção de Assad, nas grandes cidades do litoral ou no Ocidente. Nessa altura, o movimento do confederalismo democrático já dispunha de uma sólida base organizativa e popular (conselhos populares de auto-administração, cooperativas, forças de auto-defesa, sistema de formação, etc.). Assim, quando o regime de Assad se retirou, o movimento conseguiu forçar o regime a ceder-lhe alguns recursos (sobretudo militares e económicos). <sup>11</sup>Este foi o ponto de partida para a declaração de autonomia e para a revolução de Rojava, que mais tarde se tornaria a AANES".

Abdi estabeleceu então contactos com Bashar al-Assad e com o governo de Damasco, o que lhe conferiu um papel-chave no governo de Al-Hasaka, que ocupou militarmente com o seu exército, as Forças Democráticas Sírias (FDS), formadas em 2015. É nesta qualidade que assina a carta da ONU contra o recrutamento de crianças para as forças armadas. Seguiram-se negociações com Bashar e a Rússia para criar uma zona tampão entre o governo de Rojava e a Turquia, com a presença de tropas russas e sírias para impedir qualquer ataque da Turquia. Em Agosto de 2014, Abdi é enviado para os EUA para negociar com os EUA e o Irão a formação da Aliança para eliminar o Estado Islâmico. Ganha força com os instrutores americanos e, no final desta guerra, encontra-se no comando de 70.000 combatentes, comandante-em-chefe - general - das

---

<sup>10</sup> "International conflict in Iraq and Syria", Wikipedia - "US engagement in Syria since 2011", Le Point, 7 de Outubro de 2019.

<sup>11</sup> "Entrevista com um internacionalista", artigo citado.

SDF. Durante esta guerra, os americanos não só forneceram cobertura aérea, mas também armamento poderoso, instrutores e tropas de apoio. Foram criados laços, não só militares mas também pessoais, nomeadamente com os chefes militares e políticos americanos.

Terminada a operação, Abdi mantém excelentes relações com a administração americana, que o vê como um homem de confiança. Democratas e republicanos no Congresso são unânimes em insistir novamente para que ele possa vir a Washington para discutir a situação na Síria, apesar da hostilidade de Erdogan. Na primavera de 2019, o Estado Islâmico já não existe, mas o Daesh continua a sua guerrilha em toda a Síria, incluindo em Rojava.<sup>12</sup> Enquanto as milícias combatiam na linha da frente, as diferentes estruturas do confederalismo democrático desenvolviam-se e integravam cada vez mais pessoas e comunidades no seu sistema político, nomeadamente nas zonas anteriormente ocupadas pelo Daesh .

Foi finalmente em Davos, a 24 de Janeiro de 2020, durante as reuniões anuais dos exploradores do mundo, que Trump se encontrou com Abdi, que tinha vindo especialmente para a estância suíça. Mas um incidente vai causar agitação. Como de costume, Trump confundiu Abdi com o seu adversário curdo do Iraque, Barzani, cuja organização baseada em estruturas tribais diverge do PKK leninista. Esta confusão ilustra a política dos EUA no sector petrolífero do Médio Oriente, jogando dos dois lados para evitar uma fusão entre estes sectores petrolíferos nacionais.<sup>13</sup> Não importa, porque a reunião continua a ser um símbolo, enquanto nos bastidores os especialistas estão a trabalhar na questão crucial do petróleo sírio (do qual Rojava detém quase 70%).

### **Acordo petrolífero**

No Verão de 2020, tudo se conjugou. Um dos anúncios está a provocar a indignação de Damasco e Ancara: o de um acordo entre a companhia petrolífera americana Delta Crescent Energy LLC e a administração curda semi-autónoma do nordeste sírio, uma zona onde se situa a maior parte dos campos de petróleo e que está em grande parte fora do controlo de Bashar al-Assad. Embora tenham sido divulgados poucos pormenores sobre o conteúdo do texto, foram fornecidos detalhes numa audiência da Comissão de Relações Externas do Senado dos EUA. Alegando ter sido informado sobre o contrato para "melhorar os campos de petróleo no nordeste da Síria"

---

<sup>12</sup> Mazloum Abdi, Wikipedia e Who's who.

<sup>13</sup> *The Fascinating Democracy of Rojava*, de Pierre Bance, ed. Black and Red 2020, ver nota 21.

pelo comandante-chefe das SDF, general Mazloum Abdi, o senador republicano Lindsey Graham aproveitou a oportunidade para pedir ao Secretário de Estado dos EUA que convidasse Abdi a vir a Washington. Mike Pompeo, então Secretário de Estado dos EUA (chefe da diplomacia americana), apoiou a iniciativa. A coligação militar composta maioritariamente pelas milícias curdas Unidades de Protecção Popular (YPG), as SDF têm mantido relações estreitas com Washington desde a sua criação. "O acordo demorou um pouco mais do que esperávamos, e estamos agora no processo de o implementar", disse o secretário de Estado, confirmando o apoio da administração de Donald Trump. <sup>14</sup>Em Outubro de 2019, Washington já tinha anunciado que se preparava para enviar "meios mecanizados" para assegurar a defesa dos campos petrolíferos da província de Deir ez-Zor, perto da fronteira com o Iraque, recapturados das mãos dos jihadistas do EI com as forças curdas e onde estavam então estacionados cerca de 200 soldados americanos.

No final do Verão de 2019, Trump e Erdogan chegaram a um acordo: a Turquia ocuparia os territórios fronteiriços do norte de Rojava, enquanto os EUA teriam uma alavanca para pressionar os conselhos autónomos a assinarem tratados petrolíferos mais suculentos. Na sequência destes acordos entre os dois governos, Trump começou por pedir às instituições militares de Rojava que removessem a sua linha de defesa nesta fronteira norte (túneis, bunkers, linhas de armamento pesado posicionadas e outros obstáculos), garantindo em troca apoio militar incondicional em caso de invasão turca. Uma vez desmantelada a linha de defesa, Trump anunciou a retirada das suas tropas. Em 6 de Outubro de 2019, a traição estava completa. Em 9 de Outubro, Erdogan lançou a Operação Primavera da Paz e começou a invadir Rojava. A batalha foi dura e durou dois meses. Ao mesmo tempo, a situação política na Síria mudou; a Rússia aproveitou o vazio criado pela retirada das tropas americanas para colocar o seu potro, Bashar al-Assad, de novo na corrida geopolítica da região. As auto-administrações tiveram de aceitar o regresso das tropas governamentais sírias ao nordeste da Síria para bloquear o avanço turco. A Rússia declarou que responderia a todos os ataques contra os soldados do regime sírio, na medida em que bastava hastear a bandeira de Assad em certos postos de controlo para bloquear o avanço dos pró-jihadistas turcos. Este exemplo mostra

---

<sup>14</sup>

<https://www.lorientlejour.com/article/1228134/laccord-petrolier-offre-aux-fds-un-partenariat-sur-le-long-terme-avec-les-etats-unis.html>

muito bem o jogo dos Estados imperialistas: aceitam esmagar os actores locais e defender os seus interesses económicos e políticos, a qualquer preço.

### **Parceria a longo prazo**

<sup>15</sup>Entrevistado pelo *L'Orient-Le Jour*, Nicholas Heras, chefe do programa de segurança do Médio Oriente no Instituto para o Estudo da Guerra (ISW), salienta que "o acordo petrolífero oferece às SDF uma oportunidade de construir uma base mais sólida para uma parceria a longo prazo com os Estados Unidos". Em 3 de Agosto de 2020, o Ministério dos Negócios Estrangeiros turco declarou que o acordo entre a Delta Crescent Energy LLC e a administração semi-autónoma curda no nordeste da Síria era "inaceitável" e declarou num comunicado: "Lamentamos o apoio americano a este facto que ignora o direito internacional (...) e diz respeito ao financiamento do terrorismo". De acordo com fontes citadas pelo al-Monitor, Ancara não reagiu negativamente depois de ter sido informada sobre o negócio do petróleo, nos bastidores, pelo enviado especial dos EUA para a Síria, James Jeffrey. As mesmas fontes referem que a Rússia, patrocinadora de Damasco, também foi informada e não emitiu qualquer opinião, afirmando que alguns campos petrolíferos não foram incluídos no texto para garantir que o povo sírio fora das zonas curdas "não seria privado da sua quota-parte de petróleo".

É igualmente difícil saber o que foi acordado para a Síria de Bashar, uma vez que as entregas de petróleo de Rojava a Damasco foram retomadas (oleoduto directo existente ou noria de petroleiros?), mas o facto é que Damasco não está a perder com estes acordos.

Após a eleição de Biden no final de 2020, fala-se novamente de Abdi ser oficialmente convidado a ir a Washington. Para Abdi, "a mesma equipa [dos EUA] continua no lugar", repetindo que "os nossos laços militares com os EUA são muito bons, mas consideramos as nossas relações políticas insuficientes". O general recusa-se a tomar partido nas relações entre o PKK e o KDD, bem como nas complexas relações entre Damasco, o Irão e o Iraque. Outro problema complica as relações com a Turquia: a maior parte dos afluentes do Eufrates que irrigam Rojava nascem na Turquia. A Turquia tem, assim, um forte poder de pressão, tanto mais que a seca continua presente

---

<sup>15</sup> <https://www.lorientlejour.com>, artigo citado.

e as culturas importantes, como o algodão, são ávidas de água. <sup>16</sup>No entanto, ao contrário do petróleo, onde tudo se joga a nível mundial, este problema da água apenas influencia as relações de Rojava com a Turquia.

### **Nepotismo**

A posição dominante de Abdi nesta província, que é autónoma mas permanece federada na Síria de Bashar, não se deve apenas à força militar das SDF, mas à conquista de todos os lugares de poder político nas actividades económicas (independentemente dos funcionários públicos que permanecem) por todos os membros da família Abdi, num nepotismo sem paralelo. Dara, um dos irmãos do general, beneficiou de contratos lucrativos no valor de mais de 50 milhões de dólares para o fornecimento de alimentos e serviços ao exército americano. Nas suas deslocações à Ucrânia, estabeleceu ligações com a máfia local para executar os contratos. Além disso, como advogado de profissão, Dara desempenha um papel muito activo na comunidade de aconselhamento. Falza, a irmã de Abdi, é a presidente do Conselho Legislativo da região de Eufrates. Rosha, a outra irmã, é presidente da câmara de Kobane. Um irmão mais novo, Kurdo, é director do hospital militar de Kobane. Um primo é director do departamento estatal de construção e obras públicas. <sup>17</sup>Outro primo dirige uma rede de empresas têxteis e de vestuário.

### **Prisioneiros**

Paralelamente a tudo isto, têm-se registado vários problemas mais específicos de Rojava. Um desses problemas importantes está relacionado com as dezenas de milhares de soldados daech presos, que estão a cargo das administrações de Rojava. Milhares deles são estrangeiros que ninguém quer. A situação é muito complicada: a sua prisão é extremamente dispendiosa para uma administração que já está a sofrer uma terrível crise económica e um bom número deles é muito perigoso (assassinam regularmente os seus guardas).

O Ocidente ofende-se com as suas condições de vida, mas, ao mesmo tempo, recusa-se a repatriar os seus cidadãos e/ou a financiar instalações mais adequadas para a

---

<sup>16</sup> "E se o acordo sobre o petróleo não fosse realmente sobre o petróleo", Kurdistan-au-feminin.fr, 3 de Setembro de 2020.

E ainda: "A água não é uma arma, a água é vida", <https://rojinfo.com>

<sup>17</sup> "Corruption in Kobane, the Abdi dynasty", Observatório dos Direitos Humanos do Curdistão Iraniano (IKHRW) 2020.

sua detenção. No final, esta situação obrigou as administrações a libertar várias centenas de antigos militantes do Daech. O impacto fez-se sentir rapidamente na situação de segurança da região. <sup>18</sup>Recomeçaram os atentados, os assassínios, os tiroteios e outros actos semelhantes.

### **A crise económica**

"Outro grande problema é a crise económica. Nos últimos anos, os preços aumentaram dez vezes. Por exemplo, um dólar valia 500 libras sírias em 2015. Actualmente, vale mais de 3.000. Esta situação é agravada por um embargo severo ao governo e à Síria auto-administrada. As zonas ocupadas pela Turquia não são afectadas pelo embargo, uma vez que as mercadorias transitam pela Turquia.

Nos últimos meses, em Rojava, tem havido um problema com o pão. Os municípios impuseram um preço fixo para o pão, para garantir o acesso a toda a população. A produção está dividida entre empresas privadas e cooperativas de auto-administração. Desde a ocupação turca, centenas de toneladas de farinha foram roubadas pelos jihadistas, com o apoio da Turquia. Este facto fez disparar o preço da farinha de contrabando. As empresas privadas pararam a sua produção de pão para protestar contra este preço, o que sobrecarregou as cooperativas com uma procura que, até há pouco tempo, não podia ser satisfeita. Agora, as cooperativas estão a organizar-se para aumentar a sua produção, mantendo o mesmo preço. Este é apenas um de centenas de exemplos relacionados com as sanções económicas ocidentais e as consequências da ocupação turca.

Em 2020, tivemos também a Covid-19. No início, a pandemia foi bastante limitada, sobretudo porque não há muitas pessoas a passar pela Síria e, portanto, poucas contaminações vieram do exterior. Em segundo lugar, os Conselhos Populares responderam colectivamente aos riscos associados ao vírus, produzindo e distribuindo material sanitário. Foram também realizadas desinfecções colectivas. Mas é preciso dizer que a ameaça directa e concreta é militar e não sanitária. <sup>19</sup>A situação é, portanto, muito diferente da paranóia securitária do Ocidente.

---

<sup>18</sup> Por um lado, os campos de prisioneiros ("situação explosiva nos campos de prisioneiros dos jihadistas" [lexpress.fr](http://lexpress.fr)), por outro, os campos onde estão estacionados os habitantes das cidades totalmente destruídas ("Rojava", Wikipedia).

<sup>19</sup> "Entrevista com um internacionalista", <https://renverse.co/>, artigo citado.

## As novas instituições

Mas Abdi não é só isso. Continua a ser o militante do PKK, fiel entre os fiéis a Öcalan, aplicando a nova ideologia deste último, quando abandonou (por razões táticas globais) um leninismo centralista (de que Abdi conservou os ensinamentos e a prática) pela capa branca purificadora do municipalismo do americano Murray Bookchin. A coberto da ditadura militar de Abdi, tenta-se criar instituições de vida económica e social (não incompatíveis com o que resta da administração civil dos funcionários públicos sírios que trabalham num domínio completamente diferente), o "contrato social da federação norte-síria".<sup>20</sup> Estas novas instituições económicas e sociais não põem em causa nem a propriedade (o artigo 43º do contrato social especifica que "o direito à propriedade privada é garantido, a menos que contrarie o interesse geral e seja garantido por lei"; do mesmo modo, é garantida a utilização da terra por um meeiro), nem a ocupação estatal ou não, nem a exploração do trabalho, bases de um modo de produção capitalista.

A apregoada "auto-administração" só é eficaz para os níveis mais baixos da organização criada pela "comunalização bookchiniana", que acaba por desempenhar apenas um papel complementar ao domínio do FDS.

<sup>21</sup>No seu livro *La Fascinante Démocratie du Rojava*, Pierre Bance está abundantemente documentado sobre estas novas instruções, em vigor ou ainda programadas sem serem aplicadas, sob diversos pretextos. Faz uma boa distinção entre perspectivas afirmadas e realidade; sublinha em particular (p. 20-21):

- que as instituições existentes ainda não podem funcionar; que a situação continua enredada em múltiplas contradições: que o processo parlamentar se desmoronou; que as regras da democracia directa não estão a funcionar nos níveis mais elevados de decisão política e militar.

É difícil saber qual é a diferença entre uma base, à qual foram concedidos alguns poderes sobre a vida quotidiana, e os dirigentes. Estarão eles a utilizar esta democracia

---

<sup>20</sup> O texto completo do contrato social da SDS encontra-se nos anexos (p. 509) do livro *A Fascinante Democracia de Rojava* (ver nota 21).

<sup>21</sup> *La Fascinante Démocratie du Rojava, le contrat social de la Fédération de la Syrie du Nord*, de Pierre Bance, ed. Black and Red), 2020.

A apresentação do livro, o índice e a introdução podem ser consultados em [www.autrefutur.net/Parution-de-LA-FASCINANTE-DEMOCRATIE-DU-ROJAVA-par-Pierre-Bance](http://www.autrefutur.net/Parution-de-LA-FASCINANTE-DEMOCRATIE-DU-ROJAVA-par-Pierre-Bance) "Rojava, une révolution auscultée", nota de leitura, in *Courant alternatif* n° 309 (Abril de 2021).

de proximidade para responder a certas esperanças da população ou será que a situação geral, nomeadamente a situação militar, justifica a manutenção de uma hierarquia?

### **Uma economia de guerra**

É evidente que Rojava vive numa economia de guerra, porque, embora o Estado Islâmico já não exista, o Daesh continua vivo e a funcionar e não conhece fronteiras. Paralelamente a todo o tipo de contingências impostas por Damasco, pela Turquia, pela Rússia e pelos Estados Unidos, o Daesh e as organizações clandestinas turcas praticam a guerra de guerrilha, que se traduz não só em ataques armados, mas também na queima de campos de cereais ou na sabotagem de instalações de transformação de alimentos (moinhos, lagares de azeite, corte do abastecimento de água).

É difícil dizer qual será o impacto económico desta guerra latente, mas ela pode afectar as exportações agrícolas, uma fonte de rendimento para o Estado.<sup>22</sup>E, como já salientámos, serve também de justificação para que as tão apregoadas reformas no meio ultra-esquerdista sejam praticamente letra morta, à excepção de alguns elementos básicos, que facilmente se enquadram no sistema desta ditadura militar.

### **Montagens**

É importante voltar a alguns aspectos jurídicos do contrato social da EDS, que é suposto regular, em parte, para o presente e, essencialmente, para o futuro, a vida social de Rojava. Todo o sistema social está organizado numa base territorial hierárquica: comunas, cantões, regiões, Estado. Tal como já referimos, é exactamente o mesmo que existia na Síria antes do conflito: distritos (aldeias), subdistritos (cantões), governadorias (regiões), Estado.

Para cada uma destas divisões, o contrato social remete para as assembleias, que são uma espécie de órgão eleitoral do qual apenas 60% são eleitos pela população em causa, sendo os restantes 40% designados por instâncias superiores. Estas assembleias devem fixar as orientações sociais ao seu nível, cuja execução depende de um conselho de coordenação eleito por esta assembleia. Assim, em cada uma destas unidades territoriais, deparamo-nos com uma situação bem conhecida em França: uma espécie de conselho municipal (já neste caso eleito em condições nada democráticas) face a um

---

<sup>22</sup> *Tornar Rojava verde de novo, comuna internacionalista de Rojava*, Oficina de Criação Libertária, 2019 (<http://www.atelierdecreationlibertaire.com/Make-Rojava-Green-Again.html>).

conjunto de funcionários públicos, encarregados de funções régias sobre as quais não tem qualquer poder e que apenas podem regular os problemas de gestão local.

Quando se sabe, aliás, que actualmente só foram criados os níveis das assembleias e conselhos em questão, já de si muito pouco democráticos, podemos ter uma ideia do que é esta "democracia local de Rojava" tão apregoada em certos círculos.

<sup>23</sup>Isto mostra também o domínio quase totalitário dos escalões superiores e o poder do clã Abdi.

### **Cooperativas**

Para além desta questão social, o que é muito mais essencial é a situação económica. Para além desta multidão de funcionários públicos e militares, Rojava sempre foi e continua a ser um mundo de camponeses e de pequenas indústrias que trabalham na transformação de produtos agrícolas (moinhos, lagares de azeite, embalagens) ou de equipamentos agrícolas (do ferreiro da aldeia ao mecânico de máquinas agrícolas). Há que ter em conta as refinarias quase artesanais, particularmente poluentes.

A produção e a transformação são o domínio das cooperativas. De facto, o tão apregoado movimento cooperativo, com as suas 10.000 cooperativas, ainda só diz respeito a 1,4% da população e tem uma quota-parte muito pequena da economia do país. Em Rojava, o movimento cooperativo continua a ser modesto à escala do país. Salvador Zana, antigo membro do comité económico do cantão de Cirer em 2017, estima o número de cooperadores em 100 000, num universo de 5 a 6 milhões de habitantes da Federação, e considera que "a receção do atual modelo cooperativo tem sido um pouco mista". As empresas industriais, artesanais e agrícolas também são pequenas, variando de menos de 10 a 150 cooperadores. Outras fontes afirmam que as cooperativas rurais asseguram uma grande parte da produção agrícola e que o movimento cooperativo afectaria a construção, as fábricas, a energia, a pecuária e o pistácio. Os contratos públicos representam três quartos de todo o património.

No caos dos últimos dez anos, com êxodos maciços, secas, destruições, expropriações forçadas, é difícil ter hoje uma ideia da estrutura real do mundo camponês - entre grandes propriedades e pequenos agricultores. Este sector sofreu uma

---

<sup>23</sup> *The Fascinating Democracy of Rojava, op. cit.*, p. 20: "O processo parlamentar foi interrompido (...), as regras da democracia directa não estão a funcionar nos níveis superiores de decisão política e militar".

tal perturbação que é difícil encontrar estatísticas precisas. Uma coisa é certa: a actividade camponesa nunca cessou, ano após ano.

É sabido que, quaisquer que sejam as formas de dominação política ou militar, incluindo nesta faixa de 30 quilómetros de profundidade ao longo de toda a fronteira com a Turquia, os camponeses cultivam a "sua" terra de acordo com as tradições rurais e devem, para subsistir, vender a sua produção. Em França, sob a ocupação alemã, o campo continuou a sua produção habitual, mesmo em condições difíceis. A venda da produção é efectuada no mercado, que é essencialmente capitalista, tanto mais que uma parte da sua produção é exportada. Qualquer que seja o papel do Estado nesta comercialização, é o mercado capitalista internacional que acaba por impor as suas regras, tanto mais que, não tendo indústria, todo o equipamento tem de ser importado. Mas este mercado, que pesa sobre os custos de produção, impõe aos agricultores a utilização intensiva de todos os factores de produção, uma das principais fontes de destruição dos solos e de danos ecológicos. Parece que, neste aspecto, Rojava foi particularmente prejudicada no passado, deixando um legado destrutivo talvez tão grande como o da guerra.

### **Actividade económica**

Sejam quais forem as vicissitudes políticas de Rojava, a sua existência e sobrevivência dependem exclusivamente da sua actividade económica. Qual é a situação actual?

As principais fontes de rendimento do Estado de Rojava são os impostos directos e indirectos sobre as pessoas ou empresas da região, mas as diferentes administrações gerem a tributação das diferentes produções agrícolas. É aplicada da seguinte forma:

- rendimentos de propriedades públicas: silos de cereais, lagares de azeite e óleo
- direitos aduaneiros
- serviços de distribuição, tais como estações de correio
- pagamentos diferidos da Turquia e do Iraque.

A produção de petróleo e de géneros alimentícios é essencial, tal como as exportações. Trata-se essencialmente de ovinos, cereais e algodão. As exportações são essencialmente de ovinos, cereais e algodão, que são utilizados para financiar as importações de géneros alimentícios e de peças para todos os aparelhos mecânicos. Este comércio é particularmente difícil, uma vez que tem de ser efectuada principalmente através da hostil Turquia.

"Sob o regime sírio, as monoculturas de trigo e de algodão constituíam a principal actividade no Norte da Síria e, à excepção dos têxteis no cantão de Afrin, quase não havia indústria. Sujeito ao embargo da Turquia e do Governo Regional do Curdistão (KRG) no Iraque, dominado pelo KDP de Massoud Barzani, aliado de Erdogan e hostil à AANES, tem dificuldade em desenvolver a sua economia. Os materiais necessários para os sectores da energia, da alimentação e da educação não podem ser importados. Os hospitais não dispõem de equipamento sofisticado e os medicamentos são escassos, dependendo da boa vontade do regime sírio. As principais organizações internacionais afirmam não poder apoiar a AANES, uma vez que não se trata de um Estado oficialmente reconhecido. Uma grande parte da economia continua a ser consagrada ao esforço de guerra. O embargo impede materialmente o desenvolvimento, devido à falta de matérias-primas, e provoca um aumento dos preços, nomeadamente dos produtos alimentares, que a AANES tenta controlar.<sup>24</sup> Favorece igualmente o aparecimento do mercado cinzento e o enriquecimento de homens de negócios e antigos funcionários do regime que utilizam a sua rede de contactos para transportar produtos de ou para as zonas controladas pelo regime ou pela oposição pró-turca, a fim de abastecer o mercado.

Os projectos de socialização da terra foram facilmente postos de lado, tanto para evitar que se tornassem uma ditadura fundiária do governo como porque muito poucos curdos são proprietários de terras. Embora se mantenha a ideologia de que a terra, a água e a energia são bens públicos que podem ser geridos e controlados pelas novas autoridades locais, continuam a existir estruturas paralelas nos processos de produção agrícola, com empresas privadas a trabalhar com cooperativas e assembleias. Os proprietários de terras utilizam os preços de mercado e as assembleias não estão interessadas em expropriar estas coligações privadas, sendo a principal questão o nível e o conteúdo da colaboração.<sup>25</sup> Em Rojava, 30% dos lucros da agricultura vão para as assembleias para a manutenção dos serviços públicos.

Sejam quais forem os benefícios da transformação social, que tendem a resolver a produção de produtos agrícolas, existem deficiências na capacidade global de transformação desses produtos que a maioria curda não controla. Não há moinhos

---

<sup>24</sup> <https://www.ritimo.org/Le-Rojava-une-alternative-democratique-et-communaliste-au-nord-de-la-Syrie>

<sup>25</sup> *The Fascinating Democracy of Rojava*, *op. cit.*

suficientes para fazer farinha, não há refinarias suficientes para fazer gásóleo a partir do petróleo bruto. 70% de toda a produção vai para o esforço de guerra. Isto ridiculariza os poucos esforços feitos para se conformar com as prescrições das teses de Bookchin e significa que as estruturas tradicionais em torno da propriedade persistem."

Qualquer regime político não pode sobreviver por muito tempo se não satisfizer as exigências sociais da maioria da população. Uma ditadura militar está sujeita a esta regra, quanto mais não seja para assegurar o necessário nível de actividade económica. Abdi e o seu clã têm, portanto, de satisfazer as exigências de quase toda a metade não curda de Rojava e as situações sociais.

Se a democracia de base faz parte do contrato social da FDS, ela é a condição exigida pela multiplicidade de etnias e religiões (quase 50% da população) que detêm grande parte da produção de base.

Se a emancipação das mulheres ocupa um lugar tão importante neste contrato social e em todo o Rojava, é porque, estando os homens noutra lugar (em fuga, no exército ou mortos), elas têm de assumir tudo o que antes era prerrogativa dos homens.

26

Se as cooperativas encontraram um lugar e florescem um pouco por todo o lado, é porque, perante a falta de equipamento (destruição, falta de peças sobresselentes, dificuldades de abastecimento), esta partilha de recursos permite resolver alguns destes problemas.

Tudo em Rojava não é, portanto, apenas um problema de aplicação de uma ideologia; todas as medidas tão apregoadas noutros locais são, afinal, apenas a resposta obrigatória às inúmeras questões que se colocam a partir do momento em que este território se constitui como um Estado soberano. Não há revolução, não há avanços, nem sequer a aplicação (voluntária ou não) do municipalismo de Bookchin, mas apenas um Estado que tem de se libertar de um caos persistente num mundo capitalista do qual é totalmente dependente. Afinal de contas, os níveis básicos de Rojava são semelhantes aos dos municípios e cantões daqui, as cooperativas de todos os tipos florescem aqui há

---

<sup>26</sup> "Rojava, uma economia em tempo de guerra", <http://kurdistan-au-feminin.fr>, 20 de Junho de 2020.

muito tempo, e a França não está de todo numa revolução, mas bem ancorada no capitalismo mundial. Então e Rojava, uma revolução?<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Entre os textos consagrados a Rojava, *Califado e Barbárie* (em três partes, 2015-2016), em <http://ddt21.noblog.org>